



O Presidente russo Vladimir Putin durante sua conferência anual de perguntas e respostas, 4 Out 08.

Cortesia do Gabinete da Imprensa e das Informações do Presidente Russo)

# Comentários pelo Presidente Vladimir Putin da Rússia à Assembleia Geral das Nações Unidas

*Nota do Editor: Esta é uma transcrição oficial de um discurso proferido pelo Presidente Vladimir Putin da Rússia à Assembleia Geral da ONU, em 28 de setembro de 2015, conforme divulgado pelo seu gabinete <sup>1</sup>.*

*Este discurso é fornecido, junto com os próximos dois artigos da Military Review, como um esforço para familiarizar nossos leitores com as perspectivas das autoridades superiores da Rússia sobre o assunto da guerra futura e não deve ser interpretado como uma tentativa de promover as suas perspectivas.*

**S**enhor Presidente, Senhor Secretário-Geral, distintos Chefes de Estado e de Governo, senhoras e senhores,

O 70º aniversário das Nações Unidas é uma boa ocasião para tanto analisar a história quanto falar sobre o nosso futuro comum. Em 1945, os países que derrotaram o nazismo juntaram seus esforços para estabelecer uma fundação sólida para a ordem mundial pós-guerra. Lembrem-se que as decisões-chave sobre os princípios que definem a interação entre Estados, bem como a decisão de estabelecer a ONU, foram tomadas em nosso país na Conferência de Ialta pelos chefes da coalizão anti-Hitler.

O sistema de Ialta realmente é resultado de muito esforço. Nasceu às custas de dezenas de milhões de vidas e de duas guerras mundiais que varreram a planeta no Século XX. A verdade seja dita:

ajudou a humanidade a passar pelos eventos turbulentos e, às vezes, dramáticos das últimas sete décadas. Salvou o mundo de grandes transtornos.

A Organização das Nações Unidas é singular em termos de legitimidade, representação e universalidade. É verdade que ultimamente a ONU vem sendo criticada por ser ineficiente, ou pelo fato de que a tomada de decisões sobre assuntos fundamentais fica paralisada devido a diferenças insuperáveis, especialmente entre os membros do Conselho de Segurança.

No entanto, gostaria de destacar que sempre têm havido diferenças na ONU ao longo dos seus 70 anos de história, e que o direito do veto têm sido usado regularmente pelos Estados Unidos, Reino Unido, França, China e União Soviética, e depois pela Rússia. É totalmente natural para uma organização tão diversa

e representativa. Quando a ONU foi estabelecida inicialmente, ninguém esperava que sempre haveria unanimidade. A missão da organização é buscar e obter compromissos, e os seus pontos fortes se originam do aspecto que leva em consideração as diversas opiniões e pontos de vista. As decisões discutidas dentro da ONU são aceitas, ou não, na forma de resoluções. Como os diplomatas dizem, elas são aprovadas ou não. Qualquer ação tomada para contornar esse procedimento é ilegítima e se constitui em uma infração da Carta da ONU e da lei internacional contemporânea.

Todos nós sabemos que após o final da Guerra Fria restou no mundo um centro de dominância, e aqueles que se encontraram no topo da pirâmide foram tentados a pensar que, como são tão poderosos e excepcionais, sabem melhor o que precisa ser feito e, assim, não

necessitam contar com a ONU, a qual, ao invés de aprovar automaticamente qualquer decisão que eles necessitem, se tornam frequentemente um impedimento para tal.

Essa é a razão pela qual dizem que a ONU cumpriu o seu propósito e agora é obsoleta e antiquada. Claro, o mundo muda, e a ONU também deve passar por uma transformação natural.

A Rússia está pronta para trabalhar junto com os seus parceiros para desenvolver até mais a ONU com base em um consenso amplo, mas consideramos qualquer tentativa de minar a legitimidade das Nações Unidas como algo extremamente perigoso. Pode resultar no colapso da estrutura inteira das relações internacionais, e daí, com certeza, não haverá regras além do domínio da força. O mundo será dominado pelo egoísmo em vez do esforço coletivo, pelo decreto ao invés da igualdade e da liberdade e, em lugar de Estados realmente independentes, teremos protetorados controlados externamente.

Qual é o significado da soberania estatal, o termo que foi mencionado por nossas colegas aqui? Basicamente, significa liberdade, com cada pessoa e cada Estado tendo a liberdade de escolher o seu futuro.

**Devemos nos recordar as lições do passado. Por exemplo, lembramos exemplos do nosso passado, quando a União Soviética exportou experimentos sociais, compelindo mudanças em outros países por razões ideológicas, e isso, frequentemente, levou a consequências trágicas e causou degradação ao invés de progresso.**

A propósito, isso nos leva ao assunto da suposta legitimidade das autoridades estatais. Não se deve jogar com palavras e manipulá-las. Na lei internacional e nas relações internacionais, cada termo tem de ser definido, transparente e interpretado da mesma maneira, por todos.

Todos nós somos diferentes, e devemos respeitar isso. As nações não devem ser obrigadas a conformar-se ao mesmo padrão de desenvolvimento que alguém declarou ser o único adequado.

Devemos nos recordar as lições do passado. Por exemplo, lembramos exemplos do nosso passado, quando a União Soviética exportou experimentos sociais, compelindo mudanças em outros países por razões ideológicas, e isso, frequentemente, levou a consequências trágicas e causou degradação ao invés de progresso.

Parece, no entanto, que em vez de aprender dos erros de outros, alguns preferem repeti-los e continuar a exportar revoluções, só que agora essas são revoluções “democráticas”. Apenas considere a situação no Oriente Médio e no norte da África, já mencionada pelo orador anterior. Claro, os problemas políticos e sociais têm acumulado ao longo de muito

tempo nessa região, e o povo queria mudanças. Mas qual foi o verdadeiro resultado? Em vez de ocasionar reformas, a intervenção agressiva destruiu impetuosamente as instituições governamentais e o estilo de vida local. Em lugar de democracia e de progresso, agora existe violência, pobreza, desastres sociais e indiferença pelos direitos humanos, incluindo até o direito de viver.

Estou obrigado a perguntar aqueles que criaram essa situação: pelo menos percebem agora o que têm feito? Contudo, temo que essa pergunta permanecerá sem resposta, porque nunca abandonaram a sua política, que é baseada na arrogância, na excepcionalidade e na impunidade.

Os vácuos de poder em alguns países no Oriente Médio e no norte da África resultaram obviamente no surgimento de áreas de anarquia, que foram preenchidas rapidamente com extremistas e terroristas. O assim-chamado Estado Islâmico tem dezenas de milhares de militantes lutando no nome dele, incluindo ex-soldados iraquianos que foram deixados na rua após a invasão de 2003. Muitos recrutas vieram da Líbia, cujo Estado foi destruído como resultado de uma transgressão flagrante da Resolução 1973 do Conselho de Segurança das Nações Unidas. E agora, integrantes da suposta oposição “moderada” da Síria, que são

apoiados pelo Ocidente, se agregaram aos grupos radicais. Recebem armas e treinamento e, depois, desertam e se juntam ao assim chamado Estado Islâmico.

De fato, o próprio Estado Islâmico não surgiu do nada. Foi desenvolvido inicialmente como uma arma contra os regimes seculares indesejáveis. Ao ter estabelecido controle sobre partes da Síria e do Iraque, agora expande agressivamente a outras regiões. Busca domínio no mundo muçulmano e além. Seus planos são até mais grandiosos.

A situação é extremamente perigosa. Nessas circunstâncias, é hipócrita e irresponsável fazer declarações sobre a ameaça do terrorismo e, ao mesmo tempo, fazer vista grossa aos canais usados para financiar e apoiar terroristas, incluindo rendimentos do tráfico de drogas, do comércio ilegal de petróleo e da venda de armas.

É igualmente irresponsável manipular grupos extremistas e usá-los para realizar objetivos políticos, esperando que se descobrirá depois, de alguma forma, uma maneira de livrar-se deles, ou mesmo, eliminá-los.

Gostaria de dizer àqueles que se envolvem nisso: Senhores, as pessoas com quem estão lidando são cruéis, mas não são imbecis. São tão inteligentes quanto

**Parece, no entanto, que em vez de aprender dos erros de outros, alguns preferem repeti-los e continuar a exportar revoluções, só que agora essas são revoluções “democráticas”... Mas qual foi o verdadeiro resultado? Em vez de ocasionar reformas, a intervenção agressiva destruiu impetuosamente as instituições governamentais e o estilo de vida local. Em lugar da democracia e do progresso, agora existe violência, pobreza, desastres sociais e indiferença pelos direitos humanos, incluindo até o direito de viver.**

vocês. Então, a grande questão é: Quem está tirando proveito de quem? O recente incidente em que o grupo de oposição mais “moderado” entregou as suas armas aos terroristas é um exemplo vívido disso.

Consideramos que qualquer tentativa de ter interesse passageiro com terroristas, muito menos armá-los, é tacaña e muito perigosa. Isso pode fazer com que a ameaça terrorista global seja muito pior, difundindo-a por novas regiões ao redor do mundo, especialmente considerando que há combatentes de outros países, incluindo alguns da Europa, adquirindo experiência com o Estado Islâmico. Infelizmente, a Rússia não é uma exceção.

Agora que esses brutamontes têm saboreado sangue, não podemos deixar que voltem para casa e continuem com as suas atividades criminosas. Ninguém quer isso, verdade?

A Rússia tem se oposto continuamente ao terrorismo, em todas as suas formas. Atualmente, provemos assistência militar-tecnológica ao Iraque, à Síria e a outros países na região que lutam contra grupos terroristas. Acreditamos que é um grande erro recusar-se a cooperar com as autoridades e forças governamentais da Síria que combatem corajosamente os terroristas no terreno.

Enfim, devemos admitir que as forças do governo do Presidente Assad e a milícia curda são as únicas que estão realmente lutando contra terroristas na Síria. Sim, estamos cientes de todos os problemas e os conflitos na região, mas com certeza temos de considerar a situação atual no terreno.

O que propomos é juntar nossos esforços para abordar os problemas que todos nós enfrentamos e criar uma ampla coalizão internacional verdadeira contra o terrorismo.

Estimados colegas, tenho que reparar que tal abordagem honesta e sincera por parte da Rússia tem sido usada recentemente como pretexto para acusá-la de possuir crescentes ambições — como se aqueles que dizem isso não possuíssem ambição alguma. Contudo,

isso não é sobre as ambições da Rússia, estimados colegas, mas sobre o reconhecimento do fato que já não podemos tolerar o estado atual das coisas no mundo.

O que realmente propomos é sermos orientados pelos valores e interesses comuns, e não pelas ambições. Ao depender da lei internacional, precisamos juntar nossos esforços para abordar os problemas que todos nós enfrentamos e criar uma ampla coalizão internacional verdadeira contra o terrorismo. Semelhante à coalizão anti-Hitler, ela pode unir uma ampla gama de interessados dispostos a ficarem firmes contra aqueles que, da mesma forma como os nazistas, semeiam o mal e o ódio da humanidade. E claro, as nações muçulmanas devem exercer um papel-chave nessa coalizão, já que o Estado Islâmico não apenas representa uma ameaça direta contra elas, mas também mancha uma das grandes

religiões do mundo, com as suas atrocidades. Os ideólogos desses extremistas zombam do islamismo e minam seus verdadeiros valores humanistas.

Gostaria de, também, dirigir-me aos líderes espirituais muçulmanos: A sua autoridade e orientação são de grande importância neste momento. É essencial evitar que as pessoas visadas pelo

recrutamento dos extremistas tomem decisões impetuosas, e aqueles que já foram decepcionados e, devido a várias circunstâncias, se encontraram entre terroristas, precisam ser assistidos em descobrir um caminho de volta à vida normal, depondo as armas e pondo fim ao fratricídio.

Nos dias vindouros, a Rússia, como o presidente atual do Conselho de Segurança da ONU, convocará uma reunião ministerial para levar a cabo uma análise abrangente das ameaças no Oriente Médio. Antes de tudo, propomos uma análise das oportunidades para a adoção de uma resolução que serviria para coordenar os esforços de todas as partes que se opõem ao Estado Islâmico e outros grupos terroristas. Mais uma vez, essa coordenação deve ser baseada nos princípios da Carta da ONU.

Esperamos que a comunidade internacional seja capaz de desenvolver uma estratégia abrangente de

**Estou obrigado a perguntar aqueles que criaram essa situação: pelo menos percebem agora o que têm feito? Contudo, temo que essa pergunta permanecerá sem resposta, porque nunca abandonaram a sua política, que é baseada na arrogância, na excepcionalidade e na impunidade.**

estabilização, bem como de recuperação social e econômica no Oriente Médio. Assim, estimados amigos, não haveria necessidade para o estabelecimento de acampamentos de refugiados. Atualmente, o fluxo de pessoas forçadas a deixar a sua terra natal tem literalmente inundado, primeiro, os países vizinhos, e depois a Europa. Há centenas de milhares deles agora, e em breve, talvez haja milhões. É, essencialmente, um novo Período de Migração trágico, e uma lição dura para todos nós, incluindo a Europa.

Acredito que é de suma importância ajudar a restaurar as instituições governamentais da Líbia, apoiar o novo governo do Iraque e prover assistência abrangente ao governo legítimo da Síria.

Eu gostaria de enfatizar que, sem dúvida, os refugiados precisam da nossa compaixão e apoio. Contudo, a única maneira de resolver esse problema para sempre é restaurar a soberania do Estado onde foi destruída; fortalecer as instituições governamentais onde ainda existem ou estão sendo estabelecidas; prover abrangente assistência militar, econômica e material aos países enfrentando situações difíceis; e, com certeza, [assistir a] pessoas que, apesar das suas tribulações, não abandonaram as suas casas. Claro, qualquer assistência às nações soberanas pode, e deve, ser oferecida em vez de ser imposta, em estrita conformidade com a Carta da ONU. Em outras palavras, nossa organização deve apoiar quaisquer medidas que têm sido, ou serão, tomadas neste sentido, de acordo com a lei internacional, e rejeitar quaisquer ações que são uma infração da Carta da ONU. Acima de tudo, acredito que é de suma importância ajudar a restaurar as instituições governamentais da Líbia, apoiar o novo governo do Iraque e prover assistência abrangente ao governo legítimo da Síria.

Estimados amigos, a garantia da paz e da estabilização global e regional permanece uma tarefa-chave para a comunidade internacional orientada pelas Nações

Unidas. Acreditamos que isso significa a criação de um ambiente de segurança igual e indivisível que não serve aos poucos privilegiados, mas a todos. De fato, é uma tarefa desafiante, complicada e demorada, mas simplesmente, não há uma alternativa.

Infelizmente, alguns dos nossos parceiros ainda estão dominados pela mentalidade de blocos da era da Guerra Fria e pela ambição de conquistar novas áreas geopolíticas. Primeiro, continuaram a sua política de expandir a OTAN — deve-se perguntar por que, considerando que o Pacto de Varsóvia tinha parado de existir e a União Soviética tinha se desintegrado.

O povo de Donbas [Ucrânia oriental] deve ter os seus direitos e interesses sinceramente considerados e

a sua escolha respeitada; devem ser envolvidos na elaboração dos elementos-chave do sistema político do país, em conformidade com as provisões dos Acordos de Minsk.

Não obstante, a OTAN continua a expandir, junto com a sua infraestrutura militar. Depois, os antigos Estados soviéticos foram compelidos a enfrentar uma escolha falsa entre juntar-se ao Ocidente e continuar com o Leste. Mais cedo ou mais tarde, essa lógica

de confrontação foi destinada a desencadear uma grande crise geopolítica. E isso é exatamente o que ocorreu na Ucrânia, onde a frustração difundida do povo com o governo foi usada para instigar um golpe de Estado oriundo do exterior. Isso desencadeou uma guerra civil. Estamos convencidos de que a única saída desse impasse é através da implantação abrangente e diligente dos Acordos de Minsk, de 12 de fevereiro de 2015. A integridade territorial da Ucrânia não pode ser conseguida por meio do emprego de ameaças ou da força militar, mas precisa ser protegida. O povo de Donbas deve ter os seus direitos e interesses sinceramente considerados e a sua escolha respeitada; devem ser envolvidos na elaboração dos elementos-chave do sistema político do país, em conformidade com as provisões dos Acordos

**A Rússia tem se oposto continuamente ao terrorismo em todas as suas formas. Atualmente, provemos assistência militar-tecnológica ao Iraque, à Síria e a outros países na região que lutam contra grupos terroristas. Acreditamos que é um grande erro recusar-se a cooperar com as autoridades e as forças governamentais da Síria que combatem corajosamente os terroristas no terreno.**

de Minsk. Essas medidas garantiriam que a Ucrânia se desenvolvesse como um Estado civilizado e como um vínculo essencial na criação de um espaço comum de segurança e de cooperação econômica, tanto na Europa quanto na Eurásia.

Senhoras e senhores, mencionei deliberadamente um espaço comum para a cooperação econômica. Até há pouco tempo, parecia que aprenderíamos a viver sem linhas divisórias na área da economia, com as suas leis de mercado objetivas, e agir com base em regras transparentes e conjuntamente formuladas, incluindo os princípios da OMC [Organização Mundial de Comércio], que aceitam o comércio e o investimento livres, bem como a competição justa. No entanto, as sanções impostas unilateralmente que contornam a Carta da ONU quase têm se tornado comum hoje em dia.

Elas não apenas servem aos objetivos políticos, mas também são usadas para eliminar competição no mercado.

Gostaria de mencionar mais um sinal do crescente egoísmo econômico. Um número de países já escolheu criar associações econômicas exclusivas, com o estabelecimento delas sendo negociadas atrás de portas fechadas, secretamente das comunidades públicas e comerciais dessas mesmas nações, bem como do resto do mundo. Outros Estados, cujos interesses talvez sejam afetados, tampouco foram informados de nada. Parece que alguém gostaria de impor novas regras de jogo a nós, deliberadamente adaptadas para acomodar os interesses de alguns privilegiados, com a OMC não tendo voz na discussão. Isso tem o perigo de completamente desequilibrar o comércio global e dividir o espaço econômico mundial.

Esses assuntos afetam os interesses de todas as nações e influenciam o futuro da inteira economia global. Essa é a razão que propomos discutir esses assuntos dentro do arcabouço das Nações Unidas, da OMC e do G20. Ao contrário à política de exclusão, a Rússia advoga a harmonização de projetos econômicos regionais. Refiro-me assim à chamada “integração de integrações”,

baseada nas regras universais e transparentes do comércio internacional. Como exemplo, gostaria de citar nossos planos para interconexão da União Econômica Eurasiática com a iniciativa da China para a criação de uma faixa econômica da Rota da Seda. Continuamos a ver grande potencial na harmonização dos veículos de integração entre a União Econômica Eurasiática e a União Europeia.

Senhoras e senhores, mais um assunto que afetará o futuro de toda a humanidade é a mudança climática. É do nosso interesse garantir que a vindoura Conferência de Mudança Climática da ONU, que ocorrerá em Paris em dezembro deste ano [2015], produza alguns resultados viáveis. Como parte da nossa contribuição nacional, planejamos limitar as emissões de gases de efeito estufa em até 70-75% dos níveis de 1990, antes do ano 2030.

Contudo, sugiro

que analisemos mais amplamente o assunto. Reconhecidamente, talvez consigamos mitigá-la por um tempo por meio da introdução de quotas de emissão e do emprego de outras medidas táticas, mas, sem dúvida, não a resolveremos para sempre desta maneira. O que precisamos é uma abordagem essencialmente diferente, uma que envolva a intro-

dução de novas tecnologias inovadoras e parecidas à natureza que não prejudiquem o ambiente, mas em vez disso, trabalhem em harmonia com ele, permitindo que restauremos o equilíbrio entre a biosfera e a tecnologia transtornadas pelas atividades humanas.

Propomos convocar um fórum especial sob os auspícios da ONU para abordar completamente os assuntos relacionados ao esgotamento dos recursos naturais, à destruição de hábitat e à mudança climática.

É, de fato, um desafio de proporções globais. E, tenho confiança que a humanidade possui a capacidade intelectual necessária para responder a ele. Precisamos unir nossos esforços, principalmente envolvendo países que possuem fortes capacidades de pesquisa e desenvolvimento e que têm feito grandes avanços em pesquisa fundamental. Propomos convocar um fórum especial

**O que realmente propomos é sermos orientados pelos valores e interesses comuns, e não pelas ambições. Ao depender da lei internacional, precisamos juntar nossos esforços para abordar os problemas que todos nós enfrentamos e criar uma ampla coalizão internacional verdadeira contra o terrorismo.**

sob os auspícios da ONU para abordar completamente os assuntos relacionados ao esgotamento dos recursos naturais, à destruição de hábitat e à mudança climática. A Rússia está disposta a co-patrocinar tal fórum.

Senhoras e senhores, estimados colegas, em 10 de janeiro de 1946, a Assembleia Geral da ONU se encontrou para realizar sua primeira reunião em Londres. O Presidente da Comissão Preparatória Dr. Zuleta Angel, um diplomata colombiano, abriu a sessão, oferecendo o que considero uma definição muito precisa dos princípios em que as Nações Unidas devem ser baseadas, que são a benevolência, desdém para maquinações e

trapaças e um espírito de cooperação. Hoje, as suas palavras parecem como uma orientação para todos nós.

A Rússia tem confiança no grande potencial das Nações Unidas, que nos deve ajudar a evitar um novo confronto e adotar uma estratégia de cooperação. Junto com outras nações, trabalharemos continuamente para fortalecer o papel central e coordenador da ONU. Estou convencido de que, ao trabalhar juntos, iremos fazer com que o mundo esteja estável e seguro e prover um ambiente facilitador para o desenvolvimento de todas as nações e povos.

Obrigado. ■

*Vladimir Putin serviu como o Presidente da Rússia por dois mandatos consecutivos entre 2000 e 2008, e foi reeleito ao cargo em 2012. Anteriormente era o Primeiro-Ministro do país.*

---

## Referências

1. Vladimir Putin, discurso às Nações Unidas, 28 set. 2015, website do Kremlin, acesso em 21 out. 2015, <http://en.kremlin.ru/>

[events/president/news/copy/50385](http://en.kremlin.ru/events/president/news/copy/50385).